

Copyright © 1999, 2007 by Editions Milan – 300 Rue Léon-Joulin,  
31101 Toulouse Cedex 9, França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original  
Mille ans de frissons

Alguns trechos do conto “O pé da múmia” foram suprimidos de sua versão original,  
a fim de adequá-lo ao leitor em formação.

Preparação  
ANA MARIA ALVARES

Revisão  
VIVIANE T. MENDES  
RENATA LOPES DEL NERO  
MARISE LEAL

Tratamento de imagem  
AMÉRICO FREIRIA

Composição  
NATÁLIA YONAMINE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montardre, Hélène

Medo: histórias de terror / seleção Hélène Montardre;  
tradução Julia da Rosa Simões. — 1ª ed. — São Paulo:  
Companhia das Letrinhas, 2013.

Título original: Mille ans de frissons.  
Vários ilustradores.  
ISBN 978-85-7406-615-8

I. Literatura infantojuvenil I. Vários ilustradores.  
II. Título.

13-11076

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

**MEDO:**



# HISTÓRIAS DE TERROR

Seleção  
Hélène Montardre

Imagem de capa  
Olivier Balez

Ilustrações  
Olivier Balez, Gwen Keraval, Anaïs Massini, Guillaume Renon

Tradução  
Julia da Rosa Simões





# SUMÁRIO

## **HISTÓRIAS INVEROSSÍMEIS (Histórias de fantasmas, aparições e espectros)** 7

O pé da múmia, Théophile Gautier	9
Visão de Carlos XI, Prosper Mérimée	25
Aparição, Guy de Maupassant	35
A mão, Guy de Maupassant	46
A noite no castelo mal-assombrado, adaptado de um conto francês	55
A Dama da Neve, adaptado de um conto japonês	59

## **COM MIL DEMÔNIOS (Histórias de diabos)** 61

Dois atores para um papel, Théophile Gautier	62
Inverossímil, Alexandre Dumas	75
O monstro verde, Gérard de Nerval	104
O violino, o baralho e o saco, adaptado de um conto dos irmãos Grimm	112

## **SILÊNCIO MORTAL (Histórias de cemitérios)** 117

A morta, Guy de Maupassant	119
A morte de Olivier Bécaille, Émile Zola	126

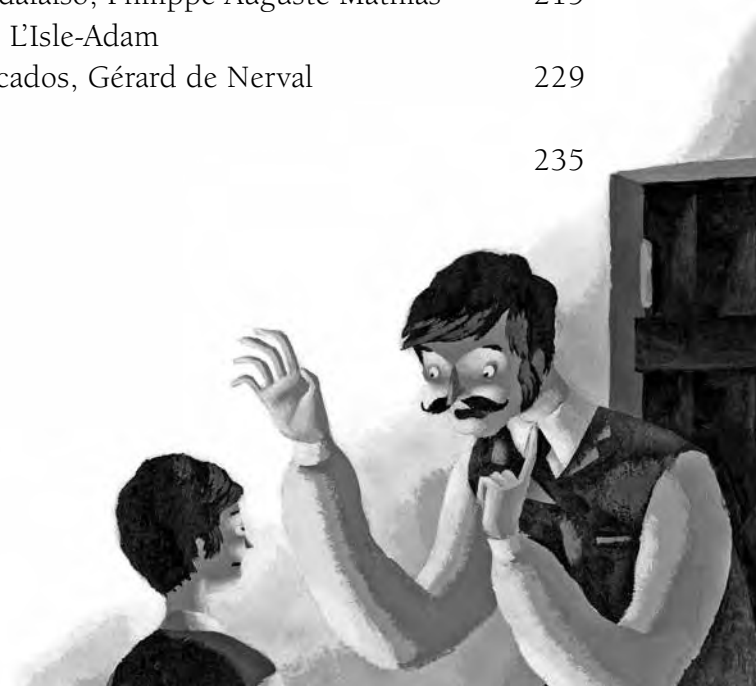
## **BICHO DE SETE CABEÇAS (Histórias de animais)** 163

O gato preto, Edgar Allan Poe	164
-------------------------------	-----

O lobo e o violinista, adaptado de um conto da província de Franche-Comté	178
O lobo, Guy de Maupassant	182
O olho da serpente fantástica, uma lenda da região francesa do Beaujolais	191

## **DESCIDA AOS INFERNOS (Histórias do reino dos mortos)** 195

A máscara da Morte Vermelha, Edgar Allan Poe	196
Sobre a água, Guy de Maupassant	205
O segredo do cadafalso, Philippe Auguste Mathias de Villiers de L'Isle-Adam	215
A ceia dos enforcados, Gérard de Nerval	229
<i>Sobre os autores</i>	235



# HISTÓRIAS INVEROSSÍMEIS

(HISTÓRIAS DE FANTASMAS,  
APARIÇÕES E ESPECTROS)



# O PÉ DA MÚMIA

THÉOPHILE GAUTIER

**P**ara matar o tempo, eu havia entrado numa dessas lojas de vendedores de curiosidades, chamadas de bricabraque na gíria parisiense, tão perfeitamente incompreensível para o resto da França.

Você sem dúvida já deve ter espiado, por trás dos vidros, alguma dessas lojas, que se tornaram numerosas depois que virou moda comprar móveis antigos e que o mais insignificante corretor acha que precisa ter o seu “quarto Idade Média”.

Era um lugar a meio caminho entre ferro-velho, loja de tapeceiro, laboratório de alquimista e ateliê de pintor. Nesses antros misteriosos, onde as persianas filtram uma prudente meia-luz, o que há de mais notoriamente antigo é a poeira; as teias de aranha são mais autênticas que as guipuras\*, e a velha madeira de pereira é mais nova que o jovem mogno recém-chegado da América.

A loja desse vendedor de bricabraque era uma verdadeira barafunda; todos os séculos e todos os países pareciam ter marcado um encontro ali dentro [...].



\* Rendas de linho ou seda com relevo em forma de arabescos.

O vendedor me seguia com precaução na tortuosa passagem entre as pilhas de móveis, aparando com as mãos o perigoso voo das abas de meu casaco, vigiando meus cotovelos com uma inquietada atenção de antiquário e usurário.

Ele tinha uma aparência singular: um crânio imenso, brilhoso como um joelho, circundado por uma auréola rala de cabelos brancos que ressaltavam mais ainda o tom salmão-claro de sua pele, dando-lhe um falso ar de bonomia patriarcal, corrigida, aliás, pelo brilho dos olhinhos amarelos que tremeluziam nas órbitas como dois luíses de ouro imersos em mercúrio. [...] Suas mãos magras, esguias, com veias azuladas, cheias de nervos salientes como cordas no braço de um violino, com unhas em garras semelhantes às das asas membranosas dos morcegos, tinham um movimento de oscilação senil, perturbador de ver; mas aquelas mãos agitadas por tiques febris se tornavam mais firmes que tenazes de aço ou pinças de lagosta quando erguiam algum objeto precioso, um cálice de ônix, um copo de Veneza ou uma bandeja de cristal da Boêmia [...].

— O senhor não comprará nada hoje? Tenho aqui um punhal malaio de lâmina ondulada como uma chama;

veja as ranhuras para o sangue escorrer, os dentes em sentido inverso para arrancar as entranhas ao retirar-se o punhal; é uma arma cruel, de belo feitio, que ficaria muito bem com seus troféus; esta espada de duas mãos é belíssima, foi de Josepe de la Hera, e esta espada longa de copo rendilhado, que obra magnífica!

— Não, tenho armas e instrumentos de carnificina em número suficiente; estou procurando uma estatueta, um objeto qualquer que possa ser utilizado como peso de papel, pois não suporto as bugigangas de bronze vendidas nas papelarias e invariavelmente encontradas sobre todas as escrivaninhas.

O velho gnomo, fuçando em suas velharias, espalhou à minha frente bronzes antigos ou supostamente antigos, pedaços de malaquita no formato de pequenos ídolos hindus ou chineses, espécies de joão-teimoso de jade, representações de Brahma ou Vishnu maravilhosamente apropriadas para a função, bem pouco divina, de manter jornais e cartas no lugar.

Eu hesitava entre um dragão de porcelana todo constelado de verrugas, a boca ornada de presas e barbilhos, e um pequeno amuleto mexicano incrivelmente medonho, representando ao natural o deus Vitzliputzli, quando avistei um pé encantador que a princípio tomei por um fragmento de Vênus antiga.



Ele tinha o belo tom alaranjado e castanho-avermelhado que confere ao bronze florentino um aspecto quente e vivaz, tão preferível ao tom verde-acinzentado dos bronzes comuns, que facilmente poderiam ser tomados por estátuas em putrefação; reflexos acetinados tremeluziam sobre suas formas, arredondadas e polidas pelos beijos amorosos de vinte séculos, pois devia tratar-se de um bronze de Corinto, uma obra da melhor época, talvez uma peça de Lísipo!

— Este pé me servirá — disse ao vendedor, que me olhou com ar irônico e dissimulado, estendendo-me o objeto solicitado para que eu pudesse examiná-lo à vontade.

Fiquei surpreso com sua leveza; não era um pé de metal, mas um pé de carne, um pé embalsamado, um pé de múmia: olhando de perto, era possível distinguir a textura da pele e o quase imperceptível relevo impresso pela trama das bandagens. Os dedos eram finos, delicados, e terminavam em unhas perfeitas, limpas e transparentes, como ágatas; o polegar, um pouco separado, se opunha harmoniosamente ao plano dos outros dedos, à maneira antiga, e conferia ao pé uma delicadeza, uma elegância de pé de pássaro; a planta, levemente riscada por veios invisíveis, revelava nunca ter tocado o chão, e só ter entrado em contato com as mais finas esteiras de juncos do Nilo e os mais macios tapetes de pele de pantera.

— Ha! Ha! O senhor quer o pé da princesa Hermonthis — disse o vendedor com uma estranha risada, fixando sobre mim seus olhos de coruja. — Ha! Ha! Ha! Para peso de papel! Ideia original, ideia de artista. Quem tivesse dito ao velho faraó que o pé de sua filha adorada serviria de peso de papel o teria surpreendido, quando ele mandou que uma montanha de granito fosse escavada para lá dentro colocar o triplo caixão pintado e dourado, todo coberto de hieróglifos com belas pinturas do

juízo das almas — acrescentou o pequeno e singular vendedor a meia-voz, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Quanto o senhor quer por este fragmento de múmia?

— Ah! O mais caro que puder, pois se trata de uma peça esplêndida; se eu tivesse o par, o senhor não o levaria por menos de quinhentos francos: não há nada mais raro que a filha de um faraó.

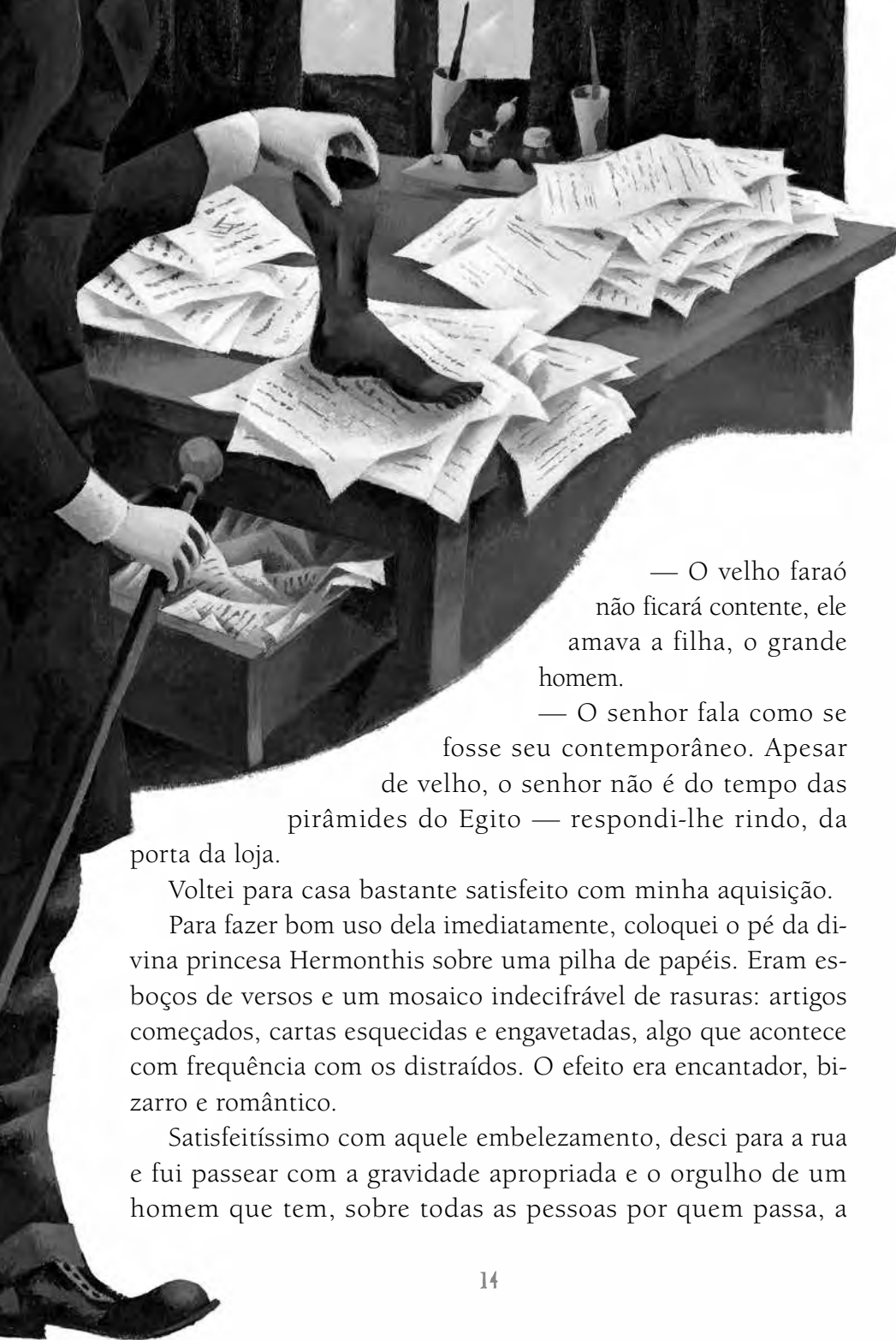
— Certamente não se trata de algo comum; mas, afinal, quanto o senhor quer? Antes preciso avisá-lo de que meu tesouro se constitui de apenas cinco luíses; comprarei tudo o que cinco luíses puderem comprar, nada mais. O senhor pode examinar os bolsos internos de meu colete, e meus compartimentos mais íntimos, que não encontrará nem mesmo uma miserável moeda de cinco francos.

— Cinco luíses pelo pé da princesa Hermonthis é pouco, muito pouco, na verdade. Trata-se de um pé autêntico — disse o vendedor balançando a cabeça e girando os olhos nas órbitas. — Vamos, leve-o, e ainda lhe dou a embalagem de presente — acrescentou, enrolando-o num velho pano adamascado —; muito bonito, damasco verdadeiro, damasco das Índias, que nunca foi tingido de novo, forte, macio — murmurava passeando os dedos pelo tecido puído, com um resquício de hábito comercial que o fazia elogiar um objeto de tão pouco valor que ele mesmo o considerava digno de ser dado.

Ele colocou as moedas de ouro numa espécie de bolsa medieval presa à cintura, repetindo:

— O pé da princesa Hermonthis para servir de peso de papel!

Depois, fixando em mim suas pupilas fosfóricas, disse numa voz estridente como o miado de um gato que acabou de engolir uma espinha:



— O velho faraó não ficará contente, ele amava a filha, o grande homem.

— O senhor fala como se fosse seu contemporâneo. Apesar de velho, o senhor não é do tempo das pirâmides do Egito — respondi-lhe rindo, da porta da loja.

Voltei para casa bastante satisfeito com minha aquisição.

Para fazer bom uso dela imediatamente, coloquei o pé da divina princesa Hermonthis sobre uma pilha de papéis. Eram esboços de versos e um mosaico indecifrável de rasuras: artigos começados, cartas esquecidas e engavetadas, algo que acontece com frequência com os distraídos. O efeito era encantador, bizarro e romântico.

Satisfeitíssimo com aquele embelezamento, desci para a rua e fui passear com a gravidade apropriada e o orgulho de um homem que tem, sobre todas as pessoas por quem passa, a

extraordinária vantagem de possuir um pedaço da princesa Hermonthis, filha de faraó.

Achei soberanamente ridículos todos aqueles que não possuíam, como eu, um peso de papel tão notoriamente egípcio; e ter um pé de múmia em cima da escrivaninha me parecia a verdadeira ocupação de um homem sensato.

Felizmente, o encontro com alguns amigos me distraiu do entusiasmo de comprador recente; fui jantar com eles, pois teria sido difícil jantar sozinho.

Quando voltei, à noite, com a cabeça raiada de veias cinza-peroladas, uma vaga baforada de perfume oriental despertou delicadamente meu aparelho olfativo; o calor do quarto aquecera o natrão, o betume e a mirra nos quais os embalsamadores que extraíam as vísceras dos cadáveres tinham banhado o corpo da princesa; era um perfume doce e penetrante, um perfume que quatro mil anos não tinham conseguido evaporar.

O sonho do Egito era a eternidade: seus odores têm a solidez do granito e duram tanto quanto.

Em pouco tempo eu bebia a grandes goles no negro cálice do sono; durante uma hora ou duas tudo permaneceu opaco, o esquecimento e o vazio me inundaram com suas ondas escuras.

Enquanto isso, minha escuridão intelectual se iluminou, os sonhos começaram a me visitar em seu voo silencioso.

Os olhos de minha alma se abriram, e vi meu quarto tal como ele realmente era: eu poderia acreditar-me acordado, mas uma vaga sensação me dizia que eu estava dormindo e que alguma coisa estranha estava prestes a acontecer.

O cheiro da mirra aumentara, e eu sentia uma leve dor de cabeça que, muito sensatamente, atribuí a algumas taças de champanhe que tínhamos bebido aos deuses desconhecidos e a nossos futuros sucessos.

Eu olhava para o quarto com uma expectativa aparentemente injustificada; os móveis estavam nos lugares exatos, a lamparina queimava sobre o pedestal, suavemente destacada pela brancura leitosa de seu globo de cristal fosco; as aquarelas brilhavam sob os vidros da Boêmia; as cortinas pendiam languidamente: tudo parecia adormecido e tranquilo.

No entanto, ao fim de alguns instantes, esse interior tão calmo pareceu se agitar, os madeirames estalaram furtivamente; a lenha embaixo das cinzas soltou de repente um jato de gás azul, e os discos das braçadeiras das cortinas pareciam olhos de metal atentos como eu às coisas que iam acontecer.

Meus olhos me levaram por acaso para a mesa sobre a qual eu colocara o pé da princesa Hermonthis.

Em vez de estar imóvel, como convém a um pé embalsamado há quatro mil anos, ele se agitava, se contraía e saltitava sobre os papéis como uma rã assustada: parecia em contato com uma pilha voltaica; eu ouvia com muita nitidez o ruído seco produzido por seu pequeno calcanhar, duro como um casco de gazela.

Fiquei bastante descontente com minha aquisição, amante que sou de pesos de papel sedentários, e achei pouco natural ver pés passearem sem as pernas, começando a sentir algo que muito se assemelhava ao medo.

De repente, vi mexer a dobra de uma das cortinas, e ouvi como que o caminhar de alguém num pé só. Preciso confessar que senti calor e frio, alternadamente; que senti um vento inesperado nas costas, e que meus cabelos, arrepiados, fizeram minha touca de dormir cair dois ou três passos atrás de mim.

As cortinas se entreabriram, e vi avançar a figura mais estranha que se possa imaginar.

Era uma jovem de pele café com leite, como a dançarina indiana Amani, de uma beleza perfeita que lembrava o tipo egípcio

mais puro; tinha olhos amendoados de cantos elevados e sobrelhas tão negras que pareciam azuis, o nariz era de um feitio delicado, quase grego pela elegância, e ela poderia ser tomada por uma estátua de bronze de Corinto, se a proeminência das maçãs do rosto e o formato um pouco africano da boca não permitissem reconhecer, sem sombra de dúvida, a raça hieroglífica das margens do Nilo.

Os braços finos e fusiformes, como o das moças muito jovens, eram circundados por argolas de metal e contas coloridas; os cabelos estavam trançados em cordões, e sobre o peito pendia um ídolo de argila verde com um chicote de sete pontas que permitia reconhecer Ísis, condutora das almas; uma placa de ouro brilhava em sua fronte, e alguns vestígios de maquiagem transpareciam sob o tom acobreado de suas bochechas.

Quanto à sua roupa, era muito estranha.

Imagine uma tanga de bandagens ornadas com hieróglifos pretos e vermelhos, engomadas com betume e que pareciam pertencer a uma múmia recém-desenfaixada.

Por um desses saltos de pensamento tão frequentes nos sonhos, ouvi a voz estridente e rouca do vendedor de bricabraque, que repetia como um refrão monótono a frase que ele dissera na loja com uma entonação tão enigmática: “O velho faraó não ficará contente, ele amava a filha, o grande homem”.

Particularidade estranha e que não me tranquilizou nem um pouco: a aparição tinha um único pé, a outra perna acabava no tornozelo.

Ela se dirigiu para a mesa onde o pé da múmia se agitava e remexia com redobrada rapidez. Chegando lá, apoiou-se na borda, e vi uma lágrima brotar e encher seus olhos.

Embora não falasse, percebi claramente o que estava pensando: ela olhava para o pé, pois era de fato o seu, com uma



expressão de tristeza graciosa infinitamente bela; mas o pé saltava e corria de um lado para o outro como se fosse impelido por molas de aço.

Por duas ou três vezes ela estendeu a mão para pegá-lo, mas não conseguiu.

Estabeleceu-se então, entre a princesa Hermonthis e seu pé, que parecia dotado de vida própria, um diálogo muito estranho em copta antiquíssimo, o mesmo idioma que se falava, há trinta séculos, nos túmulos subterrâneos do país de Seth. Ainda bem que, naquela noite, eu conhecia o copta perfeitamente.

A princesa Hermonthis disse, num tom de voz doce e vibrante como uma sineta de cristal:

— Ah, meu querido pezinho, você está sempre fugindo de mim, mesmo eu tendo cuidado bem de você. Eu o banhava em água perfumada, numa bacia de alabastro; eu lixava seu calcanhar com uma pedra-pomes embebida em óleo de palmeira, suas unhas eram cortadas com alicates de ouro e polidas com dentes de hipopótamo. Eu tinha o cuidado de escolher para você sapatos bordados e pintados, de pontas curvas, que causavam inveja em todas as jovens do Egito; você tinha em seus dedos anéis representando o escaravelho sagrado, e carregava um dos corpos mais leves que um pé preguiçoso poderia desejar.

O pé respondeu, contrariado e triste:

— Você sabe muito bem que tenho um dono, fui adquirido e comprado; o velho vendedor sabia o que estava fazendo, ele nunca a perdoou por ter se recusado a desposá-lo: foi assim que ele se vingou. O árabe que arrombou seu sarcófago real no poço subterrâneo da necrópole de Tebas foi enviado por ele, que queria impedi-la de comparecer à reunião dos povos das trevas, nas cidades inferiores. Você tem cinco moedas de ouro para me comprar de volta?

— Infelizmente, não! Minhas pedrarias, meus anéis, minhas bolsas de ouro e prata, tudo me foi roubado — respondeu a princesa Hermonthis, com um suspiro.

— Princesa — exclamei então —, nunca fiquei injustamente com o pé de ninguém: apesar de não ter os cinco luíses que ele me custou, eu o devolvo de bom grado; ficaria desesperado em deixar manca uma pessoa tão amável quanto a princesa Hermonthis.

Proferi esse discurso num tom regencial e trovadoresco que deve ter surpreendido a bela egípcia.

Ela voltou para mim um olhar cheio de reconhecimento, e seus olhos se iluminaram com reflexos azulados.

Ela pegou o pé, que, desta vez, não resistiu, como uma mulher que vai calçar uma bota, e ajustou-o à sua perna com bastante destreza.

Terminada a operação, deu dois ou três passos no quarto, para ter certeza de que não mancava mais.

— Ah! Como meu pai, que ficou tão triste com minha mutilação, ficará contente. Já no dia de meu nascimento, ele colocou um povo inteiro a trabalhar na escavação de um túmulo para mim, tão profundo que pudesse me conservar intacta até o dia supremo em que as almas serão pesadas na balança do Amenti, a morada dos mortos.

— Venha comigo até meu pai, ele o receberá bem, o senhor me devolveu meu pé.

Achei a proposta bastante natural. Vesti um roupão com desenhos de grandes folhagens, que me dava um ar bastante faraônico; calcei apressadamente chinelas turcas e disse à princesa Hermonthis que estava pronto para segui-la.

Hermonthis, antes de partir, tirou do peito a pequena figura de argila verde e depositou-a sobre as folhas dispersas que cobriam a mesa.

— Nada mais justo — disse ela sorrindo — que eu substitua seu peso de papel.

Ela me estendeu a mão, que era macia e fria como uma pele de cobra, e partimos.

Voamos por algum tempo, rápidos como flechas, num ambiente fluido e cinzento, onde silhuetas pouco delineadas passavam à direita e à esquerda.

Em certo momento, vimos apenas água e céu.

Alguns minutos depois, obeliscos começaram a despontar, portões, rampas ladeadas por esfinges se desenharam no horizonte. Tínhamos chegado.

A princesa me conduziu a uma montanha de granito rosa, onde havia uma abertura estreita e baixa que teria sido difícil diferenciar das fissuras da pedra se duas estelas ornadas com esculturas não a identificassem.

Hermonthis acendeu uma tocha e se pôs a andar à minha frente.

Eram corredores talhados na rocha nua; as paredes, cobertas com painéis de hieróglifos e cortejos alegóricos, deviam ter mobilizado milhares de braços por milhares de anos; aqueles corredores, de comprimento interminável, desembocavam em câmaras quadradas, no meio das quais havia poços escavados, por onde descíamos por meio de grampos ou escadas em espiral; esses poços nos conduziam a outras câmaras, de onde saíam outros corredores igualmente pintados com gaviões, serpentes enroladas, figuras em tau, báculos, barcas místicas, trabalho prodigioso que nenhum olho vivo devia ver, intermináveis legendas de granito que somente os mortos tinham tempo de ler durante a eternidade.

Por fim chegamos a uma sala tão ampla, tão enorme, tão desmesurada, que não era possível avistar seus limites; fileiras de colunas monstruosas se estendiam a perder de vista, entre as quais

tremeluziam lívidas estrelas de luz amarela: esses pontos brilhantes revelavam profundezas incalculáveis.

A princesa Hermonthis continuava me segurando pela mão e saudava graciosamente as múmias que conhecia. Meus olhos se acostumavam àquela meia-luz crepuscular, e começaram a discernir os objetos. Vi, sentados em tronos, os reis das raças subterrâneas: eram anciãos secos, enrugados, apergaminhados, negros de nafta e betume, com coroas de ouro, cobertos com peitorais e gorjais, cravejados de pedras e com olhos de uma fixidez de esfinge e longas barbas esbranquiçadas pela neve dos séculos: atrás deles, seus súditos embalsamados se mantinham em pé na posição ereta e constricta da arte egípcia, mantendo eternamente a atitude prescrita pelo código hierático; atrás dos súditos, os gatos, íbis e crocodilos da época miavam, batiam as asas e gemiam, tornados ainda mais monstruosos pelas bandagens que os envolviam.

Todos os faraós estavam presentes, Quéops, Quéfren, Psamético, Sesóstris, Amenófis; todos os negros governantes das pirâmides e dos túmulos subterrâneos; sobre um estrado mais elevado sentavam o rei Cronos e Ziusudra, contemporâneo do dilúvio, e Tubalcaim, que o precedeu.

A barba do rei Ziusudra crescera a tal ponto que dava sete voltas na mesa de granito sobre a qual ele se apoiava, sonhador e sonolento.



Um pouco adiante, num vapor poeirento, para além do nevoeiro das eternidades, distingui vagamente os setenta e dois reis pré-adâmicos com seus setenta e dois povos desaparecidos.

Depois de me deixar absorver por alguns minutos esse espetáculo vertiginoso, a princesa Hermonthis me apresentou ao faraó seu pai, que me fez um cumprimento com a cabeça extraordinariamente majestoso.

— Encontrei meu pé! Encontrei meu pé! — gritava a princesa, batendo as pequenas mãos uma na outra, com todos os sinais de uma grande alegria. — Este senhor que o devolveu.

As raças Kemé e Nahasi, todas as nações negras, bronzeadas, acobreadas, repetiam em coro:

— A princesa Hermonthis encontrou seu pé!

O próprio Ziusudra se comoveu: ergueu a pálpebra entorpecida, passou os dedos pelo bigode e pousou em mim o olhar carregado de séculos.

— Por Oms, cão dos Infernos, e por Timei, filha do Sol e da Verdade, aqui temos um corajoso e digno rapaz — disse o faraó, estendendo na minha direção o cetro terminado numa flor de lótus. — O que você quer como recompensa?

Valendo-me da audácia que os sonhos concedem, quando nada parece impossível, pedi-lhe a mão de Hermonthis: a mão pelo pé me parecia uma recompensa antitética de muito bom gosto.

O faraó esbugalhou os olhos de vidro, surpreso com meu graço e meu pedido.

— De que país você é e qual a sua idade?

— Sou francês e tenho vinte e sete anos, venerável faraó.

— Vinte e sete anos! E ele quer casar com a princesa Hermonthis, que tem trinta séculos! — exclamaram ao mesmo tempo todos os tronos e todos os círculos das nações.

Hermonthis pareceu ser a única a não achar meu pedido inconveniente.

— Se você ao menos tivesse dois mil anos — continuou o velho rei —, eu lhe concederia de bom grado a princesa, mas a desproporção é grande demais e, além disso, nossas filhas precisam de maridos que durem, vocês não sabem mais se conservar: os últimos que foram trazidos, há apenas quinze séculos, não passam de um punhado de cinzas; veja, minha carne é dura como basalto, meus ossos são barras de ferro. Assistirei ao último dia do mundo com o corpo e o rosto que tive em vida; minha filha Hermonthis durará mais que uma estátua de bronze. Neste dia, você terá o último grão de suas cinzas espalhado pelo vento, e a própria Ísis, que soube encontrar os pedaços de Osíris, terá dificuldade de reconstituir seu corpo. Olhe como ainda sou vigoroso e como meus braços são firmes — disse ele, sacudindo minha mão com veemência, cortando meus dedos com meus anéis.

Ele me apertou com tanta força que despertei, e vi meu amigo Alfred me puxando o braço e sacudindo para me acordar.

— Vamos, grande dorminhoco! Será preciso carregá-lo para o meio da rua e lançar fogos de artifício nos seus ouvidos? Passa do meio-dia, você não lembra que havia prometido me buscar para vermos os quadros espanhóis do sr. Aguado?

— Meu Deus! Tinha me esquecido — respondi, vestindo-me. — Podemos ir: estou com a autorização aqui em cima de minha escrivania.

Avancei para pegá-la; mas imagine meu espanto quando, no lugar do pé de múmia que eu havia comprado na véspera, vi a pequena figura de argila verde colocada em seu lugar pela princesa Hermonthis!